

# Miséria e educação

Nelson Senise \*

**É** fundamental que falemos da miséria quando abordamos algum problema brasileiro. Porque miseráveis não são somente aqueles que dividem entre si a angústia da fome. Não é só da privação do alimento diário que o termo "miséria" se origina. É apenas uma das muitas facetas através das quais a miséria humana se apresenta. Principalmente nós que vivemos em países subdesenvolvidos ou em processo de desenvolvimento, somos miseráveis de dignidade, de educação, de relações interpessoais; somos miseráveis até mesmo de amor.

Nossa miséria é um fator determinado pela própria falta de identidade pessoal que foi imposta ao povo brasileiro. Alimentamo-nos do excesso de produção de outros países, vestimos aquilo que foi moda, outrora, nas nações mais desenvolvidas. Consumimos o lixo da produção estrangeira, aquilo que não mais lhes interessa, e que em nós exerce uma espécie de inconsciente satisfação por copiar os hábitos dos ricos. E se pensarmos profundamente nessa questão, veremos o quanto são fúteis essas preocupações. Iremos perceber que aqueles países onde se veiculam essas idéias, estão em outro estágio de desenvolvimento, e muitos deles têm sua miséria social praticamente controlada. O que devemos levar em consideração é que a miséria está em oposição ferrenha ao desenvolvimento; não ao falso desenvolvimento que se ampara nas aparências, que se sustenta na mentira. Referimo-nos ao verdadeiro desenvolvimento, que surge da perfeita harmonia entre o social, o econômico, o político e o cultural. Se um desses setores não se desenvolve em detrimento de qualquer outro, devemos imediatamente duvidar desse "progresso".

No Brasil, o que vimos foi uma grande explosão econômica nos anos da ditadura militar. A situação, porém, a que essa "explosão" relegou os demais setores da vida do nosso povo merece uma reflexão mais profunda sobre o assunto. Daí derivam-se as outras misérias. Dessa ilusão do superdesenvolvimento econômico emergiu uma geração socialmente miserável, culturalmente paupérrima e politicamente

corrupta. Como a inter-relação entre esses quatro setores era fundamental ao verdadeiro desenvolvimento, colhemos agora os frutos da mentira militar, com um povo aculturado e apolitizado. Foram incontáveis os editoriais que o *JB* publicou sobre o nosso falso desenvolvimento e a fantasia dos números da nossa economia. Tudo em vão.

É na violência cotidiana que observamos a falta de desenvolvimento: na sujeira das ruas, na falta de apoio aos órgãos de cultura, na pobreza e na má remuneração de nossos médicos e professores.

Obviamente não há méritos apenas na crítica. É necessário que, se não pudermos dar soluções, ao menos possamos contribuir detectando as origens, as causas desses diversos problemas sociais. É não hesitamos em apontar como principais causas dessa violência a vergonha, o descaso e o abandono a que está entregue o ensino no Brasil, com um modelo importado, defasado e fracionado, que jamais se adequará às necessidades e aspirações do nosso povo. Um tipo de ensino que dá a quem nele ingressa a idéia de estar vivendo num mundo à parte da realidade. Nessa mentira, baseia-se o ensino brasileiro. Não há, no Brasil, uma interligação entre o estudo e a atividade profissional. Por esse motivo, a cada 10 brasileiros que ingressam na escola, apenas um chega à universidade. Pelo mesmo motivo, sete de cada 10 crianças que se matriculam no curso primário o abandonam antes de chegarem à 4ª série. Os novos Cieps seriam uma solução para o nosso ensino? No papel, acreditamos que sim. Mas o Brasil terá condições para mantê-los? Num governo que fala tanto em reconstrução talvez melhor idéia fosse reconstruir nossas escolas, alterando totalmente o ritmo do ensino e dando amparo aos professores que mal ganham para se sustentar.

Não é fácil perceber a relação existente entre aqueles que se sentem renegados por um sistema de ensino inviável como o nosso, e os marginais que a sociedade se incumbiu de afastar do seu convívio. É um círculo vicioso que se inicia na omissão do governo e termina na irresponsabilidade e na falta de cidadania da própria sociedade.

O sistema de ensino brasileiro não é compatível com as necessidades de seu povo. Não temos

resolvidas as questões sociais elementares, como nos países onde esse modelo funciona plenamente. No entanto, assim como vendemos o nosso algodão e compramos a calça, com o preço muito superior ao que nos sairia em produto nacional, procedemos da mesma forma quanto a nossa cultura, vendendo nossas mentes ao mercado externo e comprando de volta nossa própria consciência, devidamente corrompida e manipulada.

Em nosso país, a criança já é lançada ao trabalho aos seis anos de idade, e dentro de suas cabeças cansadas do peso daquele trabalho adulto, trazem sempre muitas idéias e desejos de aprendizagem que, entretanto, inviabilizam-se pela necessidade premente de ajudar nas tarefas domésticas. Surge daí, algumas vezes, a revolta contra aqueles que têm condições de ir à escola. Eis porque existe uma relação direta entre a marginalidade de um povo e o fracasso do ensino a que ele se submete. Nosso país não precisa de academias de elites, de escolas em nível internacional. Precisamos, sim, de um sistema escolar adaptado a nossa realidade, que faça, urgentemente, a conexão entre estudo e trabalho, essa união tão importante e fundamental que o atual sistema de ensino consegue separar cada vez mais. O Brasil precisa de trabalhadores competentes, formados a partir do seio de sua própria sociedade; por aqueles que são os profundos conhecedores das dificuldades do dia-a-dia brasileiro. Não é pela elite da sociedade que os importantes cargos devem ser ocupados; não pela minoria supostamente mais sábia, e sim, pela enorme contingente de pessoas que ela se encarrega de marginalizar.

A reforma educacional no Brasil é o passo principal para darmos fim às violências sociais, à falta de identidade cultural e à inescrupulosa tirania política.

Seria desnecessário abordarmos o ensino médico brasileiro, do mais baixo padrão. Temos 80 faculdades de medicina de fachada. Pelo menos 59 foram criadas durante a ditadura militar. O resultado não poderia ser outro: a prostituição da medicina.

O prof. Chiarelli entende de educação?

\* Médico no Rio de Janeiro